

XIII CONFERENCIA INTERNACIONAL

Antropología 2016



22 al 25 de noviembre de 2016
Instituto Cubano de Antropología

filosofía@.cu
EDITORIAL



INSTITUTO DE
FILOSOFÍA



Para ejecutar el programa
hacer click en main.exe
en el DVD, o en el
directorio previamente
copiado.

**Requerimientos
técnicos:**

Procesador PENTIUM IV o
superior, QuickTime.

Tarjeta gráfica SVGA con
32MB de Ram, 800x600x16



9 789597 197232

© Copyright 2016 Instituto Cubano de Antropología

INTERNACIONAL
VCOLOQUIO
DE ARQUEOLOGÍA

CONSEJO CIENTÍFICO:

Dr. Cs. Pedro Pablo Godo Torres
(Instituto Cubano de Antropología)

Dr. Cs. Ulises González Herrera
(Instituto Cubano de Antropología)

Dr. Cs. Gerardo Izquierdo Díaz
(Instituto Cubano de Antropología)

Dr. Cs. Raúl Villavicencio Finalé
(Escuela de Superación del Turismo)

MSc. Lázara Yolanda Carrazana Fuentes
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Pablo Rodríguez Ruiz
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Dmitri Prieto Sansonov
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Dany Morales Valdés
(Instituto Cubano de Antropología)

MSc. Rueso Fernández Ortega
(Instituto Cubano de Antropología y Grupo Cubano de Investigaciones de Arte Rupestre)

COMITÉ ORGANIZADOR:

Presidente: Lic. Estrella González Noriega

Vicepresidente: Dr. Cs. Gerardo Izquierdo Díaz

Secretaria: Isis Fernández Artiles

Miembros: MSc. Pablo Rodríguez Ruiz
Lic. Guillermo Baena González
Téc. Ailyn Martínez Rego



**As representações da LUZ nas primeiras sociedades camponesas do Alentejo Central
(Portugal)**

Leonor Rocha (Phd)

lrocha@uevora.pt

CHAIA/UÉ [2016] - Ref.^a UID/EAT/00112/2013 [CHAIA/UÉ 2014]
- [Projeto financiado por Fundos Nacionais através da FCT
/Fundação para a Ciência e a Tecnologia]

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Luz; Alentejo; Portugal

RESUMO:

O Alentejo Central é detentor de um dos mais importantes conjuntos megalíticos a nível europeu. Esta importância decorre não só do elevado número de monumentos megalíticos conservados, mas também do numeroso e variado espólio progressivamente recolhido que nos permite compreender, em parte, a forma como viviam estas sociedades.

Os projetos de investigação realizados nas últimas décadas em torno de alguns núcleos megalíticos alentejanos permitiu, por um lado, proceder a uma revisão e medição da orientação das antas e, por outro, compreender melhor as suas diversas e originais manifestações artísticas que se encontram profundamente marcadas por um simbolismo associado aos astros. De fato, em termos gerais, existe algum consenso sobre o simbolismo existente em torno da escolha das orientações dos monumentos megalíticos (funerários e não funerários) marcadamente associados ao Sol e/ou à Lua, ou hipoteticamente, a outras constelações.

Nesta comunicação apontam-se e caracterizam-se sucintamente algumas destas orientações e as representações gráficas em espólios (cerâmicas, placas de xisto...) mais significativas e exemplificativas da importância da LUZ, na vida e nas crenças religiosas destas primeiras sociedades camponesas.

1. A amostra disponível

Ao analisarmos o mapa da dispersão do megalitismo europeu, o Alentejo destaca-se pela presença de uma mancha coerente quer de monumentos funerários quer de monumentos não funerários. Mas, ao contrário de outras regiões europeias, poucos apresentam decorações.

Em relação à arte megalítica, identificada no Alentejo, esta encontra-se presente em dois tipos de monumentos: nos menires (isolados ou agrupados em recintos megalíticos) e em dólmens. Estas



representações apresentam algumas variações regionais, quer em termos de número de monólitos/esteios decorados, quer nas próprias gramáticas decorativas, sendo os motivos representados muito mais variados e abundantes nos menires.

De fato, até muito recentemente, a arte em monumentos megalíticos funerários era, por ausência de evidências, aparentemente escassa, ou mesmo nula, nesta região peninsular. O único motivo que aparecia representado, com alguma frequência, eram as «covichas», de difícil contextualização cronológica (Rocha, 2010). Contudo, existiam algumas referências, mais ou menos confirmadas, sobre a existência de gravuras e pinturas em alguns dólmenes alentejanos, nomeadamente círculos, sulcos, serpentiformes e antropomorfos (Rocha, 2010).

Em termos globais, a imagem que tínhamos do megalitismo alentejano, quanto à sequência de símbolos representados na arte megalítica parecia, até há bem pouco tempo, perfeitamente estabilizada e caracterizada, parecendo existir uma clara dicotomia entre o mundo funerário (dólmen) e o não funerário (menires e conjuntos de menires). Todavia, descobertas recentes obrigam-nos a assumir uma realidade completamente distinta, complexa, tanto na forma como a arte se distribui pelas diferentes arquiteturas megalíticas, como na interpretação que se faz de alguns dos motivos representados.

Os regionalismos exacerbados tendem a ser esbatidos através dos contatos com outras áreas regionais e extra-regionais pelo que, hoje em dia, podemos ter novos olhares, cada vez mais transversais, sobre o megalitismo, seus símbolos e significados.

No que diz respeito à questão das orientações, tema já abordado por diversos investigadores (Alvim, 2004, 2009; Hoskin e Calado, 1998; da Silva e Calado, 2003; Calado 2004; Oliveira et al, 2007; Rocha, 2005) e, aparentemente, sem novos dados, verifica-se que estas podem depender de vários fatores, isolados ou conjugados entre si:

- i) Implantação e orientação dos monumentos megalíticos podem estar diretamente relacionadas – os recintos megalíticos implantam-se em encostas, mais ou menos suaves, viradas a nascente (Fig. 1, nº 1 e 2); os dólmenes orientam-se maioritariamente a nascente (Fig. 1, nº 3);
- ii) Pode existir uma provável orientação em função de um valor simbólico na paisagem (elevações, rochedos fisionómicos, grutas, etc), para alguns monumentos;
- iii) Existe uma implantação e orientação oportunística para uma reduzida percentagem de monumentos – em função, por exemplo da geologia local, ou de outros monumentos (Fig. 1, nº 3 e 4).



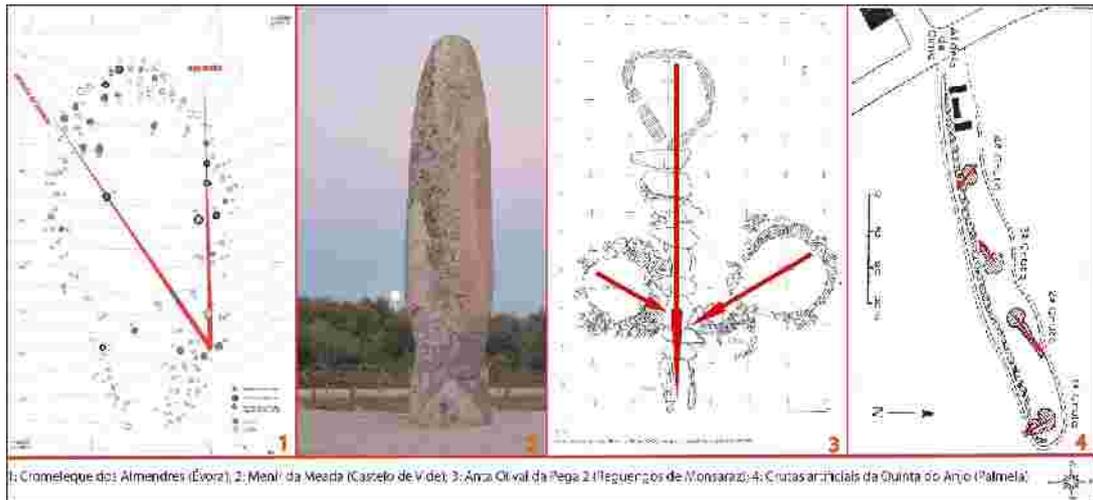


Fig. 1. Orientações de alguns monumentos megalíticos alentejanos.

2. As representações da LUZ na vida e na morte das sociedades megalíticas alentejanas

Durante muito tempo considerou-se que a arte megalítica se encontrava quase que exclusivamente sobre os menires (alguns menires, na realidade, uma vez que a percentagem de monólitos decorados é apenas de cerca de 7%), sobretudo, para alguns símbolos (báculos, crescentes, quadriláteros, círculos solares) (Calado, 1997, 2004; Gomes, 1997, 2002). Todavia, como se referiu anteriormente, as recentes investigações realizadas em monumentos funerários vieram aportar novos dados, que permitiram abrir novos horizontes sobre este assunto, quer em termos de cronologia, quer da relação entre os dois grandes tipos de monumentos megalíticos (Bueno Ramírez *et al*, 2013, 2015; Rocha, 2013, 2014, 2015a, 2015b) permitindo novos olhares e novas abordagens à problemática da interpretação da iconografia presente.

Efetivamente, se os últimos estudos realizados sobre os menires alentejanos parecia ter arrumado definitivamente a questão da arte megalítica, a verdade é que os olhares se têm voltado exclusivamente para interpretações, a meu ver, demasiado fechadas, não equacionando outras possibilidades que estão, também elas diretamente relacionadas com os astros e alguns fenómenos atmosféricos que seriam certamente importantes para estas populações (Calado, 1997, 2004; Gomes, 1997, 2002).

Paralelamente a estas questões temos de considerar que a arte presente em monumentos megalíticos funerários, e não funerários, pode ser uma arte visível ou invisível, ou seja, se na maior parte dos casos temos a arte gravada em locais que se encontram permanentemente visíveis (menires), noutros casos a decoração encontra-se localizada em áreas tornadas “invisíveis” pela construção dos monumentos (dólmens) que as ocultariam... Esta constatação, à primeira vista surpreendente e enigmática, também tem sido pouco explorada pela investigação arqueológica em Portugal. Qual o objetivo de se investir em decorar



pedras se estas ficariam completamente oclusas por uma colina tumular? Ou no interior das câmaras dos monumentos, em locais obscuros, que só podem ser visualizados com luz indireta e por um reduzido número de pessoas (pelo menos em simultâneo)? (Rocha, 2015)

Apesar da informação atualmente disponível sobre a arte megalítica ainda poder ser parcelar, sobretudo no caso dos dolmens, os dados já existentes obrigam a repensar o assunto, explorando outras leituras possíveis.

2.1. Decorações e motivos: outras leituras possíveis (ou imaginárias?)

As primeiras tentativas de interpretação e classificação das gravuras presentes em menires são, regra geral, bastante posteriores à sua identificação ou mesmo escavação. A bibliografia arqueológica portuguesa sobre esta temática remonta aos finais do séc. XIX (Pereira, 1880) mas, a primeira publicação com referências explícitas às gravuras rupestres, presentes em alguns menires, surge quase um século mais tarde (Gonçalves, 1970; Pina, 1971). Na realidade, a primeira referência a pinturas e gravuras foi feita por Manuel Heleno, na década de 30 do séc. XX, mas a falta de publicação dos seus dados acabou por tornar esta informação obsoleta e esquecida (Rocha, 2005).

Em termos gerais, existem oito tipos de motivos identificados na arte megalítica alentejana (báculo, crescente, círculo, quadrilátero, serpentiforme, sol, covinhas, e machado/punhal) que podem aparecer isolados ou associados (Fig. 2). A conjugação de alguns destes elementos, em alguns menires, assume uma figuração claramente antropomórfica.

A técnica utilizada é maioritariamente a de baixo-relevo, mas também existem alguns motivos com decoração incisa (linhas serpentiformes e círculos).

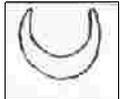
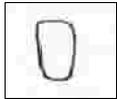


Fig. 2. Gravuras presentes em alguns dos monumentos megalíticos alentejanos



Não se pretende aqui discutir as diferentes propostas avançadas para cada um destes motivos (Calado, 2004) mas antes ponderar outras possibilidades interpretativas atendendo a que as representações existentes, quer nos espólios, quer na arte realizada sobre as estruturas pétreas, atestam uma inequívoca ligação a elementos celestiais, nomeadamente representações diretamente relacionadas com a LUZ: sol, raios solares, arco-íris, entre outros.

As propostas aqui apresentadas pretendem apenas questionar as interpretações e abrir, como se referiu anteriormente, novas possibilidades relacionadas com os fenómenos da LUZ. De fato, existem alguns fenómenos atmosféricos, como o arco iris e a trovoada que, mesmo numa sociedade profundamente científica como a que existe no séc. XXI, continua a deslumbrar pela sua beleza ou pelo seu aspeto ameaçador. Se, fenómenos que conseguimos hoje compreender, pois percebemos as suas bases científicas, continuam a despertar em nós sentimentos contraditórios, como reagiam as populações pré-históricas? Se representavam o sol e a lua, onde se encontram as representações destes dois elementos também eles deslumbrantes no céu? A resposta provavelmente é simples...

Propostas existentes	Símbolos	Exemplos	Novas propostas
- Báculo - Machado encabado			
- Crescente lunar - Lúnula - Semi-círculos	 		Arco-iris
- Quadrilátero - Nariz			
- Serpentina - Linhas ondulantes - Cinto			Raios/ Trovoada



- Círculo - Seios			Sol/ Lua
- Covinha			Sol/ Lua
Linhas incisas			

Quadro 1. Propostas interpretativas para alguns dos motivos representados na arte rupestre megalítica

Como podemos verificar pelo quadro anterior, o mesmo símbolo pode ter diferentes leituras; os círculos são entendidos como o sol, a lua, os seios; as linhas ziguezagueantes como serpentiformes, cintos, raios solares... .. E o inverso também pode acontecer? Ou seja, podem diferentes imagens/ símbolos representar sempre a mesma coisa?

Em contextos da pré-história recente do SW peninsular surgem, por vezes, representações da denominada “deusa mãe”, em cerâmicas, placas de xisto ou de grés, em cilindros de calcário...estas representações associam, os olhos solares, o triângulo púbico (que pode estar ou não preenchido com pontos incisos), sobrancelhas, pinturas faciais...mas, por vezes pode surgir apenas um destes motivos representados (como o triângulo púbico, ou os círculos raiados) que, sem discussão, se assume estar-se perante uma representação da “deusa mãe” (Quadro 2). Neste caso, diferentes símbolos associados ou isolados representam (de acordo com as interpretações vigentes) sempre a mesma coisa: a “Deusa Mãe”.

Mas, seguindo a mesma lógica de raciocínio, também poderíamos supor que o mesmo símbolo (linhas ondulantes ou ziguezagueantes) também poderiam nuns casos representar raios solares e, noutros casos, trovoadas, sobretudo quando aparecem em grupo... Ou então, no caso dos semicírculos, que por vezes surgem em dupla associação, tratar-se não da lua em quarto crescente/decrecente, mas sim de representações do arco-íris.





3. Considerações finais

No quadro da arte representada pelas primeiras sociedades camponesas (c. 4000 – 2000 a.C.) em diferentes tipos de suportes (dolmens, menires, cerâmicas, placas...) existem representações de motivos, isolados ou agrupados, que nos remetem para identificações imediatas, como é o caso das figurações antropomórficas. Como referiu recentemente um dos investigadores que estudou esta temática no âmbito de uma tese de doutoramento “ *o antropomorfismo do conjunto não implica que cada um dos elementos não tenha, por si só, um significado específico. Tudo leva a crer que, nos menires de Évora, tenham sido usados símbolos com vida própria, articulados em jogos gráficos que lhes atribuem novas dimensões simbólicas* “ (Calado, 2004: 131). Esta realidade terá necessariamente de se estender a outras formas de arte, como se viu anteriormente, no caso dos elementos que compõem as figurações da “Deusa mãe”, presentes noutro tipo de suportes, como as cerâmicas e as placas. Mas, a importância simbólica atribuída a cada um destes símbolos pode (e deve) ter variado no decurso da sua longa diacronia de utilização, sobretudo se pensarmos na variabilidade de suportes e monumentos onde se pode encontrar estas representações.

Em termos gerais, e apesar de concordarmos com as várias propostas interpretativas apresentadas, consideramos que existem outros fenómenos atmosféricos que, pela sua grandiosidade, têm de estar, de alguma forma, representados na arte megalítica.





Fig 3. Nascer de uma lua cheia no Cromeleque dos Almendres (Évora). Foto: Jorge de Oliveira



Fig. 4: Duplo arco-íris no Menir da Meada (Castelo de Vide). Foto: Jorge de Oliveira



As figuras 3 e 4 são exemplos de fenómenos que influenciam, ainda hoje, o nosso comportamento, criando nuns casos uma emoção pela positiva e noutros, quase sempre, pela negativa (trovoada). Note-se ainda que, a lua cheia tem igualmente influência no comportamento das pessoas, em alguns animais, nas marés... a agricultura tradicional respeita um calendário de base lunar, as gestações são medidas pelas luas. Poderíamos enumerar um sem número de fenómenos naturais que terão sido percecionados pelas populações pré-históricas que, tal como as representações da arte pintada paleolítica, traduz os seus anseios, receios e “cultos” através da arte. Esta terá dimensões simbólicas que extravasam as nossas interpretações atuais, mas que certamente também estarão profundamente associadas a binómios do tipo LUZ/ OBSCURIDADE, DIA/ NOITE e VIDA/ MORTE.

4. Bibliografia

ALVIM, P. (2004) – Recintos megalíticos da região da serra de Monfurado e os «Cabeços do Meio-Mundo»: monumentos, paisagem e cultura no Neolítico alentejano. In CALADO, M. (ed) – Sinais de Pedra. *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.

ALVIM, P. (2009) - *Recintos megalíticos do Ocidente do Alentejo central: arquitetura e paisagem na transição Mesolítico-Neolítico*. Tese de mestrado apresentada à Universidade de Évora. Évora: UÉ (policopiada).

BUENO-RAMÍREZ, P; BALBÍN BEHRMANN; ROCHA, L; OLIVEIRA, J. (2015) – Anthropomorphic image as origins of ancestor’s “Caves”. The stele -menhir of Anta do Telhal, Arraiolos, Évora, Portugal. *Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials Papers from the II International Conference of Transition Archaeology: Death Archaeology*, 29th April – 1st May 2013. Edited by Leonor Rocha, Primitiva Bueno-Ramirez and Gertrudes Branco, *BAR International Series* 2708, p. 83-94.

BUENO-RAMÍREZ, P; BALBÍN BEHRMANN; ROCHA, L; OLIVEIRA, J. (2013) - La estela-menhir del anta do Telhal. Arraiolos (Portugal). *Património(s) de Arraiolos*, pp. 302-303, Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos.

CALADO, M. (1997) – Cromlechs alentejanos e arte megalítica. *Actas do III Colóquio Internacional de Arte Megalítico*. A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico, p.289-297.

CALADO, M. (2004) – *Menires do Alentejo Central. Génesis e evolução da paisagem megalítica regional*. Lisboa: FLL. Tese de Doutoramento policopiada.

CALADO, M; ROCHA, L. (2010) - Megaliths as Rock Art, in Alentejo (South of Portugal). *BAR S2122 2010: Proceedings of the XV World Congress UISPP (Lisbon, 4-9 September 2006)*. Actes du XV Congrès



Mondial (Lisbonne, 4-9 Septembre 2006), Vol.7 edited by David Calado, Maxiliam Baldia and Matthew Boulanger. ISBN 9781407306636. 167 pages (illustrated throughout with maps, plans, figures, drawings and photographs), p. 25-31.

GOMES, M.V. (1997) – Estátuas-menires antropomórficas do Alto-Alentejo. Descobertas recentes e problemática. *Brigantium*. 10, p. 255-279.

GOMES, M.V. (2002) – *Cromeleque dos Almendres. Um monumento socio-religioso neolítico*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Técnica de Lisboa. (texto policopiado).

HOSKIN, M.; CALADO, M. (1998) – Orientations of Iberian Tombs: Central Alentejo Region of Portugal. *Archaeoastronomy*. Cambridge: [s.n.]. 23, p. 77-82.

OLIVEIRA, C; ROCHA, L; DA SILVA, C. M. (2007) – O megalitismo funerário no Alentejo Central – arquitectura e orientações: o estado da questão em Montemor-o-Novo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 10. Nº 2. Lisboa: IPA, p. 35-74.

ROCHA, L. (2004) - Entre vivos e mortos... arte rupestre e megalitismo funerário na região de Évora. Sinais de Pedra. *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*. Évora: Fundação Eugénio d'Almeida.

ROCHA, L. (2005) - *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento policopiada. Lisboa: FLL.

ROCHA, L. (2010) - Arte rupestre e sociedades camponesas. Uma associação sistemática no Alentejo Central (Portugal). *Global Rock Art. Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre. FUMDHAMentos*. IX. Piauí: Fundação Museu do Homem Americano. Artigo 103.

ROCHA, L. (2013) - A Arte rupestre de Arraiolos. *Património(s) de Arraiolos*. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos, pp. 304-308.

ROCHA, L. (2014) - Arte móvel megalítica no Alentejo Central (Portugal): algumas leituras possíveis. *III Simposium Internacional de Arte Rupestre de Havana*, pp. 46-65, Havana.

ROCHA, L. (2015) – Anta Grande do Zambujeiro: contributo para o conhecimento das cerâmicas. *II Congresso de arqueologia de Transição: O Mundo Funerário*. CHAIA: Évora.

SILVA, C.M.; CALADO, M. (2003) – New astronomically significant directions of the Central Alentejo Megalithic Monuments. *Journal of Iberian Archeology*, 5, p.67-88

